

INSTITUIÇÃO UNIVERSITÁRIA: Abrindo a Janela do Visível e Quebrando o Universo do Enunciável

Raquel Stela de Sá¹

RESUMO

Este texto procura refletir sobre questões relativas a minha vivência enquanto professora numa Instituição Universitária, explicitando como ocorrem as relações pedagógicas que aí se estabelecem em termos de saber, poder e produção de subjetividade, ou seja, como acontecem os discursos pedagógicos e as normas disciplinares institucionais, que vão inscrevendo nas interioridades dos indivíduos as verdades e saberes corretivos, de normalização, modelando as subjetividades, estabelecendo, desta forma, padrões de comportamento que transformam os diferentes em deficientes.

ABSTRACT

This text tries to reflect on questions related to my own experience as a teacher in a University Institution, stating how the pedagogical relations, which are established in the university itself, occur in terms of knowledge, power and construction of subjectivity, that is, how the pedagogical discourses and the institutional disciplinary norms, which dictate the truths and corrective knowledge to the individual, happen, in terms of normalization. And as a consequence the subjectivities are formed. This way, standards of behavior, which turn the different into the deficient, are established.

Introdução



oda vez que tenho que produzir um escrito, procuro partir de elementos de minha própria experiência, refletindo sobre os processos que vi se desenrolar a minha volta, isto é, para produzir

algo, preciso que este algo seja centro de meu interesse. E é de dentro dos processos que vivi num tipo de instituição burocrática como a universidade e que estão, de certa forma, ligados às relações vividas por cada um de nós que eu procuro refletir.

Ao longo desta trajetória, enquanto “professora” Universitária - em um dos centros da UFSC, Centro de Desportos - e, ao mesmo tempo, “aluna-escolarizada” em um outro centro - Centro de Educação - comecei a perceber como aconteciam as relações que eram estabelecidas nesta instituição de ensino. Os discursos enunciados pelos professores como verdadeiros e as relações de força que aí se estabeleciam sempre me deixaram curiosa no sentido de ir procurar respostas, ou seja, de perceber como isto ocorria, de ir procurar a sua gênese. Creio que devo muito desta curiosidade a Foucault que me ensinou a compreender como se davam os discursos de saber e as relações de poder na instituição universitária. O que mais me incomodava é que não conseguia arrumar tempo para estudar e pesquisar esses assuntos que eram do meu interesse já que ocupava quase todo

o meu tempo com questões burocráticas, tais como: relatórios, reuniões, relatos de processos onde “perdia” horas e dias e, a “própria vida”, tentando convencer pessoas do que achava correto e, no momento da votação nos conselhos e colegiados, o “argumento” não contava nada, o que contava era a “força” que eu poderia ter politicamente, isto é, tudo dependia da estratégia e da tática que conseguisse montar para que as coisas fossem aceitas e, principalmente, do lado de quem eu estava.

Hoje consigo compreender melhor como estas questões funcionam no dia-a-dia, ficando mais claro: porque determinados professores nas suas disciplinas precisam classificar, julgar e punir com conceitos baixíssimos aqueles acadêmicos que se contrapõem às regras determinadas pela instituição; porque nos concursos realizados na universidade utiliza-se a estratégia dos candidatos serem avaliados por três professores, onde normalmente estão dois do lado de quem detém cargos de poder e um do lado contrário - e a isto chama-se democracia; porque os estudantes tem que se submeter a ordens/regras no qual eles não participaram da sua elaboração; porque certas disciplinas entram na grade curricular e outras não, dependendo dos professores que compõe os colegiados e de quem está coordenando o curso; porque se racionaliza certo tipo de organização escolar e certos conteúdos na transmissão, sem se questionar nunca a racionalidade que informa essa organização e o estatuto dos saberes que são objeto de transmissão; porque a universidade através de seus estatutos e regimentos se preocupa em

escolarizar/disciplinar e a pedagogia aí utilizada em produzir discursos de verdade que nunca se encontram; porque é dado o direito de “representatividade”² aos estudantes, fazendo-os acreditar que seu voto nos conselhos pode modificar alguma coisa em termos estruturais.

O que se compreende, hoje, é que as relações de tipo formal utilizada nas instituições universitárias, dificultam a interlocução, o que implica que a maioria das necessidades sociais sejam realizadas quase sempre a partir de estruturas que se integrem ao sistema de representatividade formal e institucional, revelando-se incapazes de estimular iniciativas de caráter coletivo.

A mãe abnegada exerce a ditadura da servidão

O amigo solícito exerce a ditadura do favor

A caridade exerce a ditadura da dívida

A liberdade de mercado permite que você aceite os preços que lhe são impostos

A liberdade de opinião permite que você escute aqueles que opinam em seu nome

*A liberdade de eleição permite que você escolha o molho com o qual será devorado.*³

A partir de algumas reflexões sobre as questões expostas acima, pude compreender melhor toda espécie de dificuldade, de obstáculos os quais se defrontam aqueles que fazem parte da instituição e querem mexer com esta estrutura que é organizada para funcio-

nar dentro de “certas regras”⁴. Aprendendo as regras ditadas pelos discursos que acontecem nesta instituição e o significado do que é preciso fazer para entrar neste jogo de interesses, aprende-se a ser um indivíduo dócil que respeita muito bem as regras, assim como também, o que ser este tipo de indivíduo significa.

A Pedagogia e as Técnicas Particulares de Governo

De forma geral, a pedagogia - enquanto discurso da educação - tem enfatizado o autodisciplinamento, pelo qual os estudantes devem manter a si e aos outros sob controle. Sabemos que a pedagogia se baseia em técnicas particulares de “governo” produzindo em diferentes momentos regras e práticas, também particulares. O governo exige daqueles que são dirigidos atos de obediência, submissão, atos de dizer a verdade, que tem como particularidade o fato de que ao sujeito é exigido “se confessar”, dizer a verdade sobre si mesmo, sobre as suas faltas, os seus desejos, isto é, não é exigido apenas que obedeça, que seja disciplinado mas, também, que enuncie o que é, para então poder melhor conhecê-lo e assim *produzir a sua subjetividade*.

Com o tempo comecei a perceber aquilo que Foucault chama de subjetivação⁵, ou seja, como se dá a história dos diferentes modos/técnicas que transformam os seres humanos em sujeitos “sujeitados”.

Em muitos momentos, também percebia que a academia havia escolarizado o meu pensamento através de certos procedimentos de “governo”⁶, introjetando-me a verdade do estatuto de um tipo de ciência que descartava tudo o que tivesse relação com emoção, desejo, percepção, intuição.

Hoje, consigo ter mais claro que todo o sistema de educação é uma forma “política” de manter ou modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e poderes e que essa produção do discurso é, ao mesmo tempo, controlada, selecionada, organizada e redistribuída por determinado número de procedimentos que têm por função controlar os acontecimentos que podem se desdobrar a partir daí.

A partir disto, então, eu diria que quem trabalha numa organização institucional precisa ter claro a importância de sua “luta”, ou seja, que estratégias e táticas ele se utilizará nesta guerra de interesses, descartando certos tipos de acordos e reformismo que quase sempre são sugeridos, propostos por pessoas que não desejam mudar suas mentalidades, combatendo todos os controles e restrições. Não se trata, pois, de diferenciar o que há de verdadeiro ou falso no discurso pedagógico que aí ocorre, mas de compreender sob que “regras” estes discursos foram enunciados e, neste contexto, quais foram e quem foi excluído deste processo.

Percebo com mais clareza como a universidade ainda está presa a exercícios autoritários que infantilizam e escolarizam⁷ cada vez mais os estudantes, incapacitando-os de viver a sua autonomia. Temos professores, por exem-

plo, no curso de formação em Educação Física - e, diga-se de passagem, bastante titulados (doutor) - que ainda exigem do acadêmico a execução de gestos motores/performance técnicas, com o objetivo de avaliar o seu desempenho físico. Estas são práticas que fazem com que haja um retrocesso em termos pedagógicos neste curso de formação. O que deveria ser um lugar de pesquisa, de construção e socialização de conhecimentos - discurso bastante utilizado na Universidade - passa a ser um lugar onde prevalece a reprodução de um determinado padrão de conhecimento, de movimento, produzindo um determinado tipo de indivíduo normalizado.

Outro discurso bastante utilizado neste curso de formação é aquele que vincula a Educação Física à saúde, à melhoria da qualidade de vida. No entanto, não se questiona: o que é ter boa qualidade de vida? Penso que para posarmos compreender porque este é o discurso de verdade mais forte nesta área de conhecimento, temos que buscar como os indivíduos foram produzidos pelas “regras” que foram estabelecidas a partir de conhecimentos especializados tais como a Medicina, Psiquiatria, Direito, Engenharia, Educação Física através de questões relativas ao cálculo, ao êxito, a padronização dos exercícios físicos que pudessem formar um tipo útil e dócil.

Não pode olhar a lua sem calcular a distância

Não pode olhar uma árvore sem calcular a lenha

Não pode olhar um quadro sem calcular o prego

Não pode olhar um cardápio sem calcular as calorias

Não pode olhar um homem sem calcular a vantagem

Não pode olhar uma mulher sem calcular o risco⁸

Incorporando este tipo de discurso, estes profissionais da área, tornam os seres humanos cada vez mais instrumentais aos fins do Estado, cristalizando aí as relações de poder que perpassam a sociedade. Foucault salienta que é preciso observar a racionalidade do Estado enquanto surge, assim também como estudar qual foi seu primeiro projeto de “polícia” para compreender como desde o princípio o Estado foi ao mesmo tempo individualizante e totalitário. Este autor explica que a racionalidade política tem se imposto ao longo da história das sociedades ocidentais, primeiro se enraizando nas idéias de um poder pastoral, e depois nas idéias da razão de Estado. Portanto, estes investimentos na saúde, no esporte, na educação, são agora investimentos instrumentais no indivíduo, para que se controle melhor a população.

A Igreja diz: O corpo é uma culpa.

A Ciência diz: O corpo é uma máquina.

A Publicidade diz: O corpo é um negócio.

O Corpo diz: Eu sou uma festa⁹

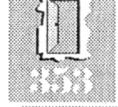
Estudos de Foucault permitem dizer que desde o séc. XVIII houve uma preocupação em governar o corpo através do controle disciplinar¹⁰ do indiví-

duo e do controle da população, inculcando hábitos de saúde e higiene. Pey, apoiada no autor acima citado, explica que as mercadorias são gerenciadas e negociadas, vendidas através da prestação de serviços ou transformadas em motivação para instituir uma contínua competitividade de todos contra todos e de cada um contra si mesmo na busca de superar e superar-se. As disciplinas produzem tipos sujeitados, fornecendo identidades, individualizando-os, deixando marcas em seus corpos.

Tudo tem, todos temos, rosto e marcas. O cão e a serpente e a gaivota e você e eu, quem vive e quem viveu e todos os que caminham, se arrastam ou voam: todos temos rosto e marcas. Os maias acreditam nisso. E acreditam que as marcas, invisíveis, são mais rosto que o rosto visível. Pela marca conhecem você¹¹

Ferreira salienta que assiste-se a um desenvolvimento progressivo desse tipo de conhecimento em paralelo com a criação de outros que foram emergindo em função das relações de poder que iam se estabelecendo na sociedade disciplinar. Trata-se sobretudo, de desenvolver um tipo de ensino que possibilitasse preparar o cidadão para uma sociedade de produção e de consumo de bens e serviços de natureza mercantil autoritária. É esta *racionalidade instrumental e utilitarista* baseada no interesse e na competitividade que vai ser objeto de estruturação dos homens na sociedade

Neste contexto, a criança transforma-se num cidadão útil através de



estágios de crescimento e é papel do “bom, professor”, cientificamente treinado, facilitar esse desenvolvimento. Esse progresso “desenvolvimentista” da natureza infantil, eloqüentemente defendido por Rousseau, ganhou adeptos. Por volta do séc. XX, os colégios da Europa e da América do Norte estavam “treinando” os professores numa pedagogia do desenvolvimento, apropriada a cada estágio de desenvolvimento racional da criança. Esse conhecimento permitia ao professor prever as ocorrências na aula e antecipar a conexão entre estímulo e reação, ou seja, diagnosticar e interpretar o comportamento da criança. É, pois, por intermédio da educação das necessidades humanas que a estrutura social imprime a sua marca nos indivíduos. E, para conseguir isto, “exercita-se”¹² crianças a dominarem reflexos, a inibirem medos. Desta forma, as regras transmutam-se em costumes, em adestramento, em hábito¹³.

Por um lado, percebo de fundamental importância que os profissionais da educação passem a olhar com mais atenção para os procedimentos de nossas instituições educacionais, questionando os regimes de verdade dos discursos, examinando aquilo que fez com que sejamos o que somos. Penso que é tarefa política do profissional da educação, no seu setor de trabalho, lutar continuamente para identificar a origem dos “regimes de verdade e as relações de força” que se estabelecem neste cotidiano, armando-se de estratégias e táticas que façam inverter o jogo da dominação. Por outro lado, é preciso evitar que se silencie a “diferença”, que se exclua aqueles que não concordam

com as verdades discursadas e que não se submetem às regras que são determinadas que cumpram, ou seja, evitar a sujeição no qual os sujeitos são sujeitos através de coerção física ou psicológica.

Beltrão explica que é a partir dos *discursos pedagógicos* e das normas *disciplinares institucionais*, vão se inscrevendo nas interioridades dos indivíduos *as verdades/saberes* corretivos, de normalização que vão modelando as subjetividades. Estes saberes rotulam e dão sentido aos comportamentos, às atitudes, aos atos, às relações, *fabricando/produzindo* o indivíduo de modo que ele corresponda com fidelidade às verdades, isto é, ao padrão de indivíduo que a sociedade necessita.

Quando a Diferença é Vista como Deficiência

Para que se possa ter uma melhor compreensão destas questões Foucault propõe que se analise os procedimentos que excluem dos discursos as singularidades/diferenças, tornando-as visíveis. Para isto, diz ser necessário, por um lado, um posicionamento autônomo que deve desenredar a trama das normas, das exclusões que se dão nos discursos e, por outro, um procedimento no sentido de reencontrar o discurso em seu surgimento, no lugar onde foi produzido.

A existência de uma série de discriminações dos estudantes que se diferenciam dos padrões normalizados no interior da instituição universitária é, ainda, muito forte ao ponto de consi-

derar a *diferença* como *deficiência*. Muitos são os professores que não respeitam as diferenças de saberes dos estudantes, exigindo que todos pensem e façam as mesmas coisas. Desta forma, estes estudantes precisavam se submeter as normas/padrões estabelecidas por eles para que possam receber a recompensa: uma boa nota. Aquilo que é mais valorizado pelos professores na universidade e, nas escolas como um todo, é o processo classificatório. Neste contexto, fica muito difícil lidar com desestruturação das modalidades de controle pedagógico, que tem como estrutura o julgamento, o exame. Se isto não funciona a instituição não sobrevive. Por isso mesmo, ela procura corrigir aqueles - tanto professores, quanto os estudantes - que saem “fora dos trilhos”, sufocando, reduzindo ao silêncio, desqualificando a voz dos “diferentes”. Aqueles que tem autonomia, são sufocados por um discurso do disciplinamento que passa pelos corpos, pelas formas de manifestação da inteligência, pelas formas de representação caricatas do mundo e pelos modos de agir. Barbosa explica que na escola não há lugar para o heterogêneo. Os professores que não repetem, que não desejam ser burocratas, que desejam pensar diferente, propondo jeitos diferentes de trabalhar com os diversos tipos de saberes, colocando sua subjetividade no ato criador de ensinar, também estarão excluídos.

Filhos de ninguém e donos de nada, os que são nenhuns os que não são, embora sejam que não falam idiomas, falam dialetos que não praticam religiões, pra-

*ticam superstição que não fazem arte, fazem artesanato que não são seres humanos, são recursos humanos que não tem cultura, tem folclore que não tem cara, tem braço que não tem nome, tem número que não aparecem na história universal, aparecem nas páginas policiais da imprensa local os ninguéns, que custam menos que as balas que os mata.*¹⁴

Foucault explica que cada época caracteriza-se por uma configuração subterrânea que molda a cultura, uma trama do saber que torna possível toda uma produção de um tipo de discurso científico que é enunciado. Trata-se de ver de que modo, segundo que “regra” se formaram as dualidades destes discursos que são enunciados, tais como: bom/mau, certo/errado, razão/desrazão, apto/não apto, lícito e ilícito, inclusão/exclusão etc. Este autor explica que a norma está ancorada no *saber*, na medida em que fixa os “critérios racionais” que aparecem como objetivos e, ao mesmo tempo, está ancorada no *poder* de dominação, na medida em que constitui os princípios de regulação da conduta dos indivíduos na sociedade.

Por isso mesmo, é preciso saber o que ocorre quando entramos no domínio da moral, da ética e da estética, que são constituídas de valores e normas de comportamento que tem a ver com o “dever”.

A fome come o medo.

O medo do silêncio atordoa as ruas.



*O medo ameaça;
 Se amar, vai pegar Aids.
 Se fumar, vai pegar câncer.
 Se respirar, vai se contaminar.
 Se beber, vai ter acidentes.
 Se comer, vai ter colesterol.
 Se falar, vai perder o emprego.
 Se caminhar, vai ter violência.
 Se pensar, vai ter angústia.
 Se duvidar, vai ter loucura.
 Se sentir, vai ter solidão.¹⁵*

É preciso saber como os estudantes que não se encaixam no “padrão de normalidade”¹⁶ são classificados, tratados; que instâncias decidem sobre a sua vida; que estratégias são utilizadas para produzi-lo de determinada forma, em suma, em que *rede de saberes e de práticas pedagógicas* os mesmos estão inseridos. Precisamos, pois, enquanto educadores sermos capazes de adotar, pelo menos em parte, o ponto de vista dos estudantes que fracassam, daqueles que são estigmatizados pela escola, porque só assim, entendo que estaremos contribuindo para uma importante modificação nestas relações que lá se estabelecem. No entanto, isto não é fácil quando tivemos uma história de vida escolar bastante autoritária que nos incita a reproduzir o já vivenciado, a transmitir saberes formais como se fossem os únicos. Saberes estes que são desenvolvidos através do exercício do poder e que são usado para produzir indivíduos governáveis através da normalização e da técnica de individualização. Neste contexto, o “exame e a confissão” ocupam um papel essen-

cial pelo fato de exporem para o indivíduo sua própria “identidade”, usando de técnicas apropriadas que permitam classificar objetivamente o problema, exigindo determinado tipo de correção.

Busquei a compreensão da gênese dos mecanismos disciplinares do exame e da confissão nos escritos de Foucault, quando ele se refere ao encaminamento que a Sociedade Pastoral dava aos mesmos. Ele explica que o cristianismo impôs/impõe à sociedade uma série de condições e de normas de conduta com o fim de obter certa transformação de como o indivíduo atua sobre si mesmo. Deve assegurar o conhecimento de cada um, apropriando-se de instrumentos essenciais, tais como a confissão¹⁷, o exame de consciência,¹⁸ de direção da consciência e de obediência com a finalidade de conseguir que os indivíduos renuncie ao mundo e a si mesmo. Um conhecimento da *sociedade pastoral* que Foucault diz se comparar a um jogo estranho, cujos elementos são a vida, a morte, a verdade, a obediência, os indivíduos, a identidade. A partir da utilização destes dispositivos “a razão” adquire um status moral, fundando a culpabilidade, a incompetência, a ausência de autoconfiança, a perda e debilitamento da identidade, tomadas como distintas formas de *patologias*. Neste sentido, o *discurso pedagógico e o terapêutico* (podemos citar aqui como exemplo propostas que vem surgindo na área da Educação Física, de implantação de conteúdos preventivos relacionados à saúde para os escolares) se unem, se relacionam, ou seja, a *educação* se entende e se pratica cada vez mais como *terapia* e a *terapia*

se entende e se pratica cada vez mais como *educação* ou reeducação. O dispositivo pedagógico/terapêutico define e constrói o que é ser um indivíduo “formado e são”. E isto, normalmente aparece como espaços de desenvolvimento, de mediação, de conflito, mas nunca como “espaço de produção de subjetividade”.

Ensaiai Novas Formas de Pensar, Fazer e Sentir Navegando por Mares ainda Desconhecidos

Não está cravado num lugar. As montanhas e as árvores têm o destino na raiz; mas o mar foi, como nós, condenado à vida vagabunda. Ares marinheiros: nós, homens da costa, fomos feitos de mar, não de terra. E sabemos disso muito bem, mesmo que a gente não saiba, quando vamos navegando na maré das ruas da cidade, de café em café, através da bruma viajamos rumo ao porto ou ao naufrágio que espera por nós nesta cidade¹⁹

Enquanto educadores, precisamos utilizar ferramentas teóricas para pensar de outro modo estas relações que são estabelecidas na sociedade, refletindo sobre o papel da pedagogia como produtora dos sujeitos que são sujeitos e percebendo de que maneira eles foram fabricados no interior dos aparatos de subjetivação.

A minha intenção com este texto, é de refletir sobre o contexto universitário, alertando sobre a redução dos saberes que acontece nesta instituição, procurando navegar por outros mares ainda desconhecidos, ou seja, indo contra a todas as idéias ditas “necessidades universais”, que são produzidas pelos discursos de verdade. Com isto não é possível que se aceite representar o outro, falando por ele, dizendo-lhe como resistir e sim, “minar os focos de poder” daqueles que oprimem, *expondo suas práticas*.

O que se pretende não é fazer uma proposta para que o professor possa aplicá-la com a sua turma, na escola em que trabalha mas, fundamentalmente, fazer com que o mesmo venha a *pensar e fazer diferentemente do que faz*, modificando a sua própria “maneira de ver” o seu trabalho. Quando me refiro a minar estes focos, estou concordando que onde existe poder, existe, também, “resistência”, que o poder produz múltiplos pontos de resistência contra si mesmo.

Entendo, pois, que para que o profissional da educação possa avançar em alguns pequenos pontos, em alguns tipos de relação na organização institucional, necessário se faz que ele rompa com o círculo vicioso criado pela disciplina dos saberes e pela disciplina dos sujeitos na sua prática pedagógica e, principalmente, na sua própria vida. É necessário que ele passe a buscar imaginar o presente como uma coisa diferente daquilo que é, transformando-o, isto é, apreendendo-o no que é. Que assuma a forma da “transgressão” nas coisas que faz, indo contra as

identidades, práticas e objetivos educacionais hegemônicos, “subvertendo e deslocando” as relações de poder que envolvem a educação, constituindo assim novos sujeitos. Para constituir novos sujeitos, o primeiro passo, consiste em desafiar a ortodoxia dos saberes, percebendo muito bem como se dá a lógica interna de funcionamento das instituições, ou seja, as funções implícitas que elas cumprem. Na universidade, as lutas que ocorrem, são lutas por “interesses”, pelo poder de dirigir e coordenar instituições e não lutas teóricas, lutas por idéias como comumente se enuncia.

Acredito, pois, que é necessário ensaiar novas formas de *pensar*, novas formas de *fazer*, de *sentir*, de *perceber* que levem a um tipo de organização mais horizontal, não hierárquica, abrindo caminhos a outras formas de relação menos autoritária no ambiente universitário. Ter o processo de *liberdade*²⁰, de ato-poder como projeto, numa abertura para possibilidades de estudantes e professores poderem fazer diferentemente do que se fazem, para formas de nos vermos a nós próprios e as nossas práticas pedagógicas de forma diferenciada. Ter presente um projeto de auto-invenção, desafiando e surpreendendo a si próprio, experimentar-se no ato de fazer. No entanto, para agir desta forma, o educador precisa conceder especial atenção a transgressão, arriscando a própria verdade, as próprias crenças, perguntando não o que é verdadeiro e o que é falso mais, quais os “efeitos” de dizer que isto é verdadeiro e aquilo não o é, utilizando a mudança de regras,

desde as relações entre si até as relações com os diversos tipos de saberes e com a estrutura institucional.

Então, o que interessaria ao educador que não quer produzir uma subjetividade submissa? Penso que interessaria a ele criar espaços de *resistência* à nível das relações de forças indo contra toda espécie de discriminação, de hábito e, espaços de *liberdade* à nível do pensar, agir e sentir, utilizando para isso da “memória”, isto é, conhecendo as táticas e estratégias precisas de “governo” no qual o sujeito é sujeitado.

Um refúgio?

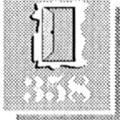
Uma barriga?

Um abrigo onde esconder quando estiver se afogando na chuva, ou sendo quebrado pelo frio, ou sendo revirado pelo vento?

Temos um esplêndido passado pela frente? Para os navegantes com desejo de vento, a memória é um ponto de partida²¹

Acredito que é abrindo as janelas do visível, quebrando o universo do enunciável. É onde a universidade “fracassa”, onde ela não consegue ser competente naquilo que se propõe, nos pequenos espaços de liberdade que surgem dentro dela, que talvez possamos encontrar novas formas de pensá-la para que ela se torne diferente. Para isto o educador precisa despojar-se de si mesmo navegando em busca de riscos, de caminhos desconhecido, gerando possibilidades de fazer as coisas diferentemente para si e para os outros.

Musil (apud Barbosa) explica que este educador precisa ter o senso de



possibilidade²², inventando estratégias e táticas que contribuam para o rompimento de amarras de práticas educativas instituídas, construindo um espaço onde se possa viver a expressão, a criação, a reapropriação do saber, a experiência de ver o pensamento a partir de outras regras, demonstrando assim a relatividade da verdade, da moral, da ética e da estética. Criar condições para produzir um novo tipo de subjetividade onde se possa revelar singularidades dissidentes em educadores e estudantes com o objetivo de se contrapor a formação de subjetividades homogeneizantes. Para isto, é preciso associar os diversos tipos de saberes a nossa vivência e de nossos interlocutores, dando uma dimensão existencial àquilo que fazemos. Só existe vida onde existe troca, onde existe relação, fonte de prazer de saberes novos, coletivo e instituinte e que aconteça em condições igualitárias de poder.

Ela está no horizonte (...) Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais a alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para caminhar²³.

Notas

¹ Professora aposentada do Curso de Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina e integrante do Núcleo de Alfabetização Técnica do CED/UFSC e do Núcleo de Estudos Pedagógicos em Educação Física do CDS/UFSC. Mestre em

Educação pela UFSC. Endereço: Rua Maria do Patrocínio Coelho - 358 - CEP: 88040-230 - Pantanal - Florianópolis/SC. Telefone: 233 1836.

- ² Chauí (1984) explica que normalmente, confunde-se *representação com participação*: a primeira delega poder do meu ato a outrem e a segunda assegura que meu ato esteja investido de poder, mobilizando periodicamente os indivíduos para melhor despolitizá-los. Conforme Mendel e Voght (1988) o ato poder institucional (político) permite ao indivíduo medir o poder do seu ato pelos dos que produz e, desse modo, avaliar o seu próprio poder, julgando o controle que tem ou não dele descobrindo de que modo seu ato desencadeia outros atos fora de si, no social (política). O político é, antes de tudo, uma maneira de viver a instituição de forma flexível o suficiente para comportar os conflitos e utilizá-los de modo construtivo coletivamente. No entanto, precisamos ter claro que há a usurpação do poder do coletivo pela burocracia da universidade impedindo que se alcance o produto desejável do trabalho pedagógico, isto é, uma produção de um saber novo a partir da reelaboração ou reconstrução do conhecimento.

³ Janela sobre o rosto invisível de Galeano, 1994.

⁴ Estas regras produzem indivíduos que aprendem muito bem como devem participar em uma prática social qualquer, ou seja, o que se pode e o que não se pode dizer e fazer em

- determinados lugares. Compreende-se o porque não se pode dizer qualquer coisa, de qualquer maneira, em qualquer lugar.
- ⁵ Foucault (1985) explica que a “subjetivação” do sujeito ou construção da subjetividade consiste em tecnologias do eu que permite aos indivíduos efetuar, por conta própria e com a ajuda de outros, certo número de operações sobre seu corpo e sua alma, pensamentos, conduta, ou qualquer forma de ser, obtendo assim uma transformação de si mesmo com o fim de alcançar certo estado de felicidade, pureza, sabedoria e imortalidade.
- ⁶ Foucault (1989) salienta que governabilidade é o contato entre as tecnologias de dominação dos demais e as referidas a si mesmo.
- ⁷ Pey (1994) salienta que *escolarização*, enquanto processo institucional que trata de um determinado conteúdo disciplinar, limita a Educação entendida como processo de preparação das pessoas para as práticas de estudar, ensinar-aprender, conhecer. Isto se dá porque na escola o conhecimento passa pela seleção dos interesses político-estatais e econômicos, antes de constituir-se conteúdo escolar curricular.
- ⁸ Janela sobre um homem de êxito de Galeano, 1994.
- ⁹ Janela sobre o corpo de Galeano, 1994.
- ¹⁰ Para Foucault (1988) disciplinas são métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, fórmulas gerais de dominação, um corpo de processos e de saber, de prescrições, de receitas e dados. E desse esmiuçamento, sem dúvida, nasceu o homem do humanismo moderno.
- ¹¹ Janela sobre o rosto invisível de Galeano, 1994.
- ¹² Foucault (1987) explica que o *exercício* é a técnica pela qual dirige-se o comportamento dos indivíduos para um *estado terminal*, impondo-lhes tarefas repetitivas e graduadas, aumentando suas forças produtoras e diminuindo suas forças políticas. Para isto, necessita-se escalonar o poder, organizá-lo como rede e, ao mesmo tempo, *distribuí-lo em degraus hierárquicos*, aumentando a capacidade de produção dos indivíduos.
- ¹³ Qualquer ação frequentemente repetida, torna-se moldada em um padrão, que pode, em seguida, ser reproduzido com economia de esforço. O hábito, assim, implica que a ação em questão (movimento/exercício) possa ser novamente executado da mesma maneira e com o mesmo esforço econômico.
- ¹⁴ Ninguéns de Galeano.
- ¹⁵ Janela sobre o medo de Galeano, 1994.
- ¹⁶ As regras que são estabelecidas, os exames, as classificações, as punições, as promoções determinam os padrões normais de expectativas. Daí o caráter produtivo da regra. Nos dispositivos pedagógicos a dimensão jurídica é a dominante, é a partir

dela que os professores julgam, estabelecem critérios. É no critério e sob o critério que as ações podem ser determinadas e julgadas, ou seja, integrada num sistema de valores, de avaliação.

- ¹⁷ A confissão, tal qual o exame são dispositivos que integram a produção do *saber* e a estratégia de *poder*, o lugar onde a verdade e o poder acontecem. O sujeito confessante é atado à lei e, pior que isto, se reconhece a si mesmo em relação à lei. A confissão é uma técnica muito valorizada pela sociedade para produzir a verdade. Conforme Foucault (1985) na cristandade a obrigação de “dizer a verdade” sobre si mesmo tomou duas formas distintas: A exomologesis que é uma forma espetacular de o penitente exprimir o seu estatuto de pecador tornado manifesto em pública demonstração, tecnologia do eu orientada para a manifestação do ser (ontológica); e aexagoresis que é uma analítica e contínua verbalização dos pensamentos, levada a cabo numa relação de total obediência a vontade de outro, tecnologia do eu orientada para a análise discursiva do pensamento (epistemológica). Ele chama as tecnologias do eu cristão de construção do eu gnosiológico, pois não há verdade a cerca do eu sem que haja a renúncia, o sacrifício do eu.
- ¹⁸ O exame de consciência tem a ver com purificação.
- ¹⁹ Janela sobre o mar de Galeano, 1994.
- ²⁰ Liberdade que se caracterize por uma prática pedagógica *inventiva, imaginativa, estratégica* ao longo de um eixo de exercício de poder, onde

seja possível relações de poder de resistência, onde seja possível criar espaços de liberdade para pensar, fazer e sentir de forma diferenciada do instituído.

- ²¹ Janela sobre a memória de Galeano, 1994.
- ²² Senso de possibilidade é definido por Musil (1989) como a capacidade de pensar tudo aquilo que poder ser, e não de julgar que aquilo que é, seja mais importante do que aquilo que não é.
- ²³ Janela sobre a utopia de Galeano, 1994.

Bibliografia

- BELTRÃO, Ierecê R. *Didática - O Discurso Científico do Disciplinamento*. UFSC/ Florianópolis, mimeo, 1993.
- CHAUÍ, Marilena. O que é ser educador hoje? Da arte à ciência: A morte do educador. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.). *O Educador: vida e morte*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações: 1972-1990*. Rio de Janeiro. Ed. 34, 1992.
- FERREIRA, José Maria Carvalho. *Pedagogia Libertária “versus” Pedagogia Autoritária*. Lisboa. Portugal, mimeo, 1994.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: o nascimento da Prisão*. 5.ed. Petrópolis: Vozes, 1987.
- _____. *Microfísica do Poder*. 8.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

- FOUCAULT, Michel. *Saber y Verdad*. Madrid : Las Ediciones de La Piqueta, 1985.
- _____. *Genealogia do Racismo*. Madrid : Las Ediciones de La Piqueta, 1992.
- GALLO, Sílvio D. de Oliveira. *Autoridade e a construção da liberdade: o paradigma anarquista em Educação*. Faculdade de Educação. Tese de Doutorado. Campinas : UNICAMP, 1993.
- GALEANO, Eduardo. *As Palavras Andantes*. Porto Alegre : L&PM, 1994.
- GUATTARI, Felix e ROLNICK, Sueli. *Microfísica: cartografias do desejo*. 2.ed. Petrópolis : Vozes, 1986.
- _____. *Revolução Molecular: pulsações políticas do desejo*. 2.ed. São Paulo : Brasiliense, 1985.
- MENDEL, Gerard e VOGHT, Cristian. *El manifesto de la educación*. Madrid : Siglo Veintiuno, 1988.
- BARBOSA, MARIA CARMEM S. Eno trabalho educativo, onde fica a subjetividade. In: Revista Educação, Subjetividade e Poder. v. 1. Porto alegre. Ijuí : Ed. UNIJUÍ, 1994.
- PEY, Maria Oly. *Oficina de alfabetização Técnica - propondo uma modalidade de trabalho educativo*. Florianópolis : Centro de Cultura e Autoformação, 1994.
- _____. *Educação: o olhar de Foucault*. Florianópolis : Livros Livres 2 , 1995.
- SILVA, Tomaz Tadeu. *O sujeito da Educação: Estudos Foucaultianos*. Petrópolis : Vozes, 1994.
- SIEBERT, Raquel S. de Sá. *Dominação e Autoritarismo na Prática Pedagógica da Educação Física e suas Possibilidades de Superação*. (Dissertação de Mestrado em Educação) CED/UFSC. Florianópolis, 1992.
- _____. Reflexões sobre a Produção do Conhecimento na Academia. In: *Revista Motrivivência - Pesquisa*. ano v, n. 5,6,7, dezembro 1994.
- _____. Corpo e Movimento: Hábito ou Memória? In: *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Ijuí : Ed. UNIJUÍ , 1994.
- _____. As Relações de Poder sobre o Corpo. In: ROMERO, Elaine. *Corpo, Mulher e Sociedade*. São Paulo : Papirus, 1995.
- TEMPO SOCIAL. Revista de Sociologia da USP. *Foucault um Pensamento Desconcertante*. v.7 n.1-2. outubro. São Paulo : USP, 1995.